

ASPECTOS MOTIVACIONAIS NO FUTSAL FEMININO AMADOR DE PORTO

ALEGRE

Lindsay Franciane da Costa Melo Reis

Tereza Cristina Campos Scotá

RESUMO

A presente investigação buscou comparar e analisar os fatores motivacionais que influenciam atletas do sexo feminino a prática competitiva do futsal amador. O estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, onde se realizou uma comparação entre os nossos resultados e os resultados obtidos pela pesquisadora Marta Rosolen (2005) onde a mesma utilizou-se do mesmo tipo de pesquisa (instrumento, n° de amostras, momento da aplicação e tratamento estatístico). Em nosso estudo, foi realizada a análise de um questionário quantitativo objetivando determinar os fatores motivacionais para os esporte que são relevantes para estas atletas. Foram entrevistadas 80 atletas do sexo feminino, sendo integrantes de 8 equipes, todas equipes participantes da I Taca Encontro do Esporte de Futsal Feminino, competição organizada pela Associação dos Servidores em Telecomunicações e Tecnologia da Informação – ASTTI, no ano de 2008. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o “Inventário dos Fatores da Motivação” de Gill (1983), questionário devidamente reconhecido, composto de 30 questões divididas em 8 categorias: Status, Equipes, Forma Física, Energia Liberada, Outros Situacionais, Habilidades, Amigos e Diversão. Todos os itens, são analisados em uma escala de 4 pontos, tipo Likert, na qual atribuiu-se 04 pontos para extremamente importante, 03 pontos para bastante importante, 02 pontos para pouco importante e 01 pontos para nada importante. O tratamento estatístico utilizado para a análise destes dados foram o Programa Estatístico SPSS, Coeficiente de Correlação de Pearson e Test T de Student. Na comparação entre os estudos podemos averiguamos que não há diferenças significativas entre as médias obtidas, contudo houve uma inversão de prioridades entre a classificação das 4 categorias mais pontuadas, Rosolen (2005) obteve: Orientação de Equipe, Diversão, Habilidades e Forma Física, em nosso estudo obtivemos: Diversão, Orientação de Equipe, Forma Física e Habilidades. Os resultados do nosso estudo demonstraram que dentre as categorias analisadas que mais pontuaram a Diversão obteve média 2.87 pontos e Orientação de Equipe obteve 2.85.

Palavras Chave: Motivação; Futsal feminino; Mulheres; Psicologia

1 INTRODUÇÃO

Durante o curso de graduação em educação física adquirimos muitos conhecimentos novos, como também apreciarmos áreas antes ignoradas, dentre estas áreas, nos identificamos com a psicologia esportiva, a qual através da literatura passamos a conhecer mais.

Decidir o assunto do nosso trabalho de conclusão do curso de pós graduação foi algo complicado, pois, inicialmente a única certeza que tínhamos era que deveríamos escolher um assunto onde ambas as partes apreciassem em segundo plano relaciona-las ao assunto do curso de pós graduação em Esportes Coletivos, ao conversarmos, descobrimos que ambas nos interessávamos por psicologia esportiva, então, tendo esta área em comum decidir qual seria o assunto tornou-se mais fácil, inicialmente optarmos pelo seguinte assunto: “Aspectos motivacionais no futsal amador de Porto Alegre: Análise comparativa entre os gêneros”, contudo, no decorrer da investigação tivemos que enfatizar apenas o futsal feminino em virtude do pouco tempo que dispúnhamos.

Nosso interesse pela Psicologia do Esporte, surgiu pela importância desta área ao profissional de Educação Física, pois segundo Weinberg e Gould (2001, p.28), é uma área a qual, há o estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e a aplicação prática desse conhecimento, estes estudos tem como finalidades, procurar entender e ajudar atletas de elite, crianças, indivíduos mentalmente incapacitados, idosos e praticantes em geral a alcançarem um desempenho máximo e satisfação pessoal.

Em relação ao assunto sabemos que durante nosso dia a dia somos motivados diversas vezes por fatores intrínsecos/extrínsecos, partindo da idéia de que motivação, nada mais é do que um motivo que temos para gerar uma determinada ação. Contudo a intensidade necessária para cada pessoa reagir a um estímulo externo é diferente de pessoa para pessoa. Motivação é realmente importante, Edgar (2003, p.18) descreve como se dá o inicio deste processo, “a motivação consiste em numa necessidade interna que origina um esforço a ser empregado durante uma atividade que permite a estrutura de conhecimento funcionar”.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Comparar e Identificar os fatores motivacionais que levam mulheres à prática do Futsal amador em competições dentro da cidade de Porto Alegre.

1.1.2 Objetivos Específicos

Comparar os fatores motivacionais que levam mulheres a participarem de competições de Futsal amador dentro da cidade de Porto Alegre com os resultados obtidos na pesquisa atual com os dados obtidos por Marta Rosolen em 2005, durante jogos de futsal categoria feminina da Copa Unisinos, posteriormente isolar para uma breve análise os resultados exclusivos desta pesquisa.

1.2 Justificativa

Justifica-se esta pesquisa através do constante crescimento da prática esportiva amadora em competições, devido a campanhas das secretarias municipais de esportes, divulgando a prática esportiva e a apoiando com a realização de eventos tais como Campeonatos Municipais, e Jogos Inter-regionais do Rio Grande do Sul.

1.3 Definição de Termos

Nível amador: De acordo com a Lei 9615/98, Capítulo III, Artigo 3º, é caracterizado como um esporte de rendimento praticado de forma não-profissional e sem incentivo financeiro.

Futsal: Modalidade esportiva praticada em quadra por 5 atletas sendo 1 deles o goleiro. Segundo Tenroller (2006, p. 89) existem duas teorias em relação à origem do futsal, uma delas fala que o esporte teve início no Brasil por volta da década de 40 e 50 e a outra que no Uruguai tenha surgido o futsal.

Motivação: “Definiremos a motivação como o termo que denota os fatores e processos que levam as pessoas à ação ou a inércia em diversas situações”. Cratty¹ (1983, citado por SCALON 2004, p.22)

1.4 Delimitação do Estudo

A pesquisa realizada restringe-se a atletas do sexo feminino, as quais residam no estado do Rio Grande do Sul e estejam participando de competições no ano de 2008.

2 MOTIVAÇÃO

A motivação é um dos principais fatores que interferem no comportamento e nas atitudes das pessoas, facilitando o desempenho, a aprendizagem e a capacidade de concentração dos indivíduos ao envolverem-se em uma atividade.

Nos esportes de alto rendimento o acompanhamento de psicólogos junto aos atletas é algo comum, pois não basta em termos de rendimento o atleta apenas possuir qualidades técnicas, físicas e táticas, pois se deve ser observado também os aspectos emocionais que acabam por ser o grande diferencial nos momentos de decisão juntamente com os demais fatores já mencionados em busca da vitória.

Segundo os aspectos abordados na psicologia do esporte, a motivação tem um papel importante no completo desenvolvimento do atleta.

Becker Jr.² (1996, citado por SCALON 2004, p.23), “define a motivação como um fator muito importante na busca de qualquer objetivo, pelo ser humano. [...] Assim sendo, a motivação é um elemento básico para o atleta seguir as orientações do treinador e praticar diariamente as sessões de treinamento”.

Motivação é realmente importante, Edgar (2003, p.18) descreve como se dá o início deste processo, “a motivação consiste em numa necessidade interna que origina um esforço a ser empregado durante uma atividade que permite a estrutura de conhecimento funcionar”.

¹ CRATTY, B. J. Psicologia no esporte. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1983.

² BECKER Jr., B. El efecto de tecnica de imaginación sobre patrones electroencefalograficos, frecuencia cardíaca y en el rendimiento de practicantes de baloncesto con puntuaciones altas y bajas em el tiro libre. Tesis (doctoral) – Faculdade de Psicologia, Universidad de Barcelona, Barcelona, 1996.

Portanto segundo Cratty³ (1983, citado por SCALON 2004, p.22) sugere que, “o termo motivação denota os fatores e processos que levam as pessoas à ação ou a inércia em diversas situações”.

Para Samulski⁴ (1990, citado por SCALON 2004, p.23) “A motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos)”.

Podemos dizer, portanto, que para obter um resultado positivo como uma vitória, primeiramente eu tenho que querer vencer, após eu dependo do ambiente onde será a disputa, entenda-se como ambiente favorável, todo ambiente onde há apoio de pessoas conhecidas assistindo, a disputa é realizada em um local onde eu já estou familiarizado, eu já inicio a disputa com um bom lance, o valor da disputa, tudo isso me auxilia a motivar-me cada vez mais durante a disputa.

Portanto, segundo Scalon (2004, p.24), “a motivação não deixa de ser um incentivo para alcançar um objetivo. Mas, também pode ser uma conquista atrás de uma recompensa ou de um reconhecimento por parte de uma sociedade extremamente competitiva. Podemos afirmar que, com aumento da motivação, eleva-se à atenção, concentração e tensão”.

2.1 Como acontece o processo motivacional

Se observarmos com atenção a palavra motivação, poderemos dividi-la em duas palavras, motivo e ação, ou seja, motivo para a ação, o motivo é entendido como algo que incita o organismo para a ação havendo uma atividade motivacional provocada por um estado de prontidão para o comportamento, com tendência clara de direcionar o próprio comportamento, esta interpretação pode ser explicada da seguinte forma segundo La Rosa (2003, p.170):

Falar em motivos, por conseguinte, implica referir-nos a forças ou energias que impulsionam o comportamento na obtenção de determinados objetivos. Os motivos dinamizam a personalidade, enquanto que a motivação é o processo através do qual os motivos surgem, se desenvolvem e mobilizam comportamentos.

A motivação pode ser impulsionada por um fator externo, mas para que seja desencadeada é necessário que o indivíduo esteja motivado internamente, ou seja, não adianta haver apenas um estímulo externo se não houver um interno também.

³ CRATTY, B. J. Psicologia no esporte. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1983.

⁴ SAMULSKY, D. Psicologia do esporte: comparação do esportista e não esportista. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

Outro fator que interfere no controle do comportamento é o auto-reforço, o reforço que procede do próprio sujeito e não de uma fonte externa. Os sistemas de auto-reforço e auto-avaliação constituem o fundamento da motivação intrínseca, e foram desenvolvidos, em grande parte, graças ao processo de modelação (LA ROSA, 2003 p.91).

Para Machado⁵ (1997 citado por SCALON 2004, p.31), as pessoas que se empenham em sentir-se competentes e auto-determinadas, internamente, procuram superar-se se esforçando para vencer, sendo estes os primeiros desafios da motivação interna.

Uma experiência realizada por Therdike (1972, citado por LA ROSA 2003, p.171) demonstra um exemplo de motivação onde existe um fator externo desencadeando um fator interno.

Um gato com fome foi encerrado em uma caixa de vidro que continha um dispositivo que, se acionado, abria a porta e permitia ao animal comer o alimento que se encontrava no exterior. O gato, depois de tentar de diversas maneiras sair da caixa, tocou ocasionalmente no dispositivo e a porta se abriu, permitindo-lhe saborear o alimento. Depois de algumas repetições do experimento, logo que o gato é introduzido na caixa, toca no trinco que lhe abre a caixa e permite a refeição.

2.2 Tipos de motivação

Existem dois segmentos para explicarmos as teorias motivacionais segundo o conceito de Samulski⁶ (1990, citado por Scalon 2004, p.23) afirmando que:

A motivação é subdividida em dois segmentos denominados determinantes energéticos, que são: nível de ativação e direção de comportamento (intenções, interesses, motivos e metas). A motivação diferencia-se em técnicas de ativação e de estabelecimento de metas. A técnica de ativação está ligada diretamente à intensidade e à persistência com que o indivíduo executa a atividade. Na técnica de estabelecimento de metas, a intenção e orientação para uma meta. Na técnica de estabelecimento de metas, as medidas de controle das intenções que tentam influenciar na força de vontade dos atletas são: técnicas de direcionamento de atenções; acentuação; relativização; comparação do seu estado psicológico com os demais atletas.

Machado⁷ (1997 P.175 citado por DONIZETE 2001, p.54) também contribui com estudos sobre os tipos de motivação, onde conseguem distinguir dois tipos, um positivo e outro negativo.

O efeito negativo é detectado quando a motivação se apresenta de forma não-educativa, acarretando em perturbações à personalidade do indivíduo, causadas por castigos ou ameaças, levando as pessoas a tornarem-se violentas, covardes, tímidas ou inseguras, por exemplo. Já os recursos que

⁵ MACHADO, A. A. Psicologia do esporte: temas emergentes. Jundiaí: Ápice, 1997.

⁶ SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: compraração do esportista e não-esportista. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

⁷ MACHADO, A. A. Psicologia do esporte: temas emergentes. 1ªed. Jundiaí: Ápice, 1984.

incentivam a potencialização do indivíduo, despertando-o para o crescimento através de elogios e palavras de encorajamento são motivadores de efeito positivo.

De acordo com Scalon (2004, p.21) nos dias atuais as atividades físicas vêm ganhando espaço considerável dentro da sociedade, podemos constatar este fato através do aumento visível no número de academias, clubes, ginásios, entre outros.

Os motivos que levam as pessoas a cada vez mais procurarem locais para a prática de atividades físicas são os mais diversos, segundo Martens (1987, citado por Scalon 2004, p.216) entre as diversas necessidades que os desportistas pretendem satisfazer em praticar um esporte se encontram:

- a) Jogar por diversão, o que satisfaz a necessidade de estímulo e emoção;
- b) Estar com outras pessoas, o que satisfaz a necessidade de afiliar-se a outras e de pertencer a um grupo;
- c) Demonstrar atitudes para satisfazer a necessidade de sentir-se útil e respeitando-se”.

Atendendo às explicações sobre as necessidades de Maslow (1954, citado por SCALON 1998) poderíamos dizer que alguns atletas se espelham em outros, porque querem ser da equipe, querem pertencer a algum grupo que o aporte algo importante em sua vida. Se estiver motivado certamente irá aplicar-se mais e conseqüentemente será aceito pelos demais. Não buscam alcançar fama ou reconhecimento, senão simplesmente satisfazer esta necessidade de ser membro de um grupo. Muitas vezes não lhes importa ficar no banco e jogar somente de vez em quando. O treinador pode satisfazer esta necessidade, motivando mediante um processo de identificação porque querem ser aceitos pelo treinador e pela equipe.

Para quem já pratica algum esporte, Gouvea (1998) destaca três teorias de suma importância para a motivação no esporte.

1. Teoria da motivação da realização, a qual implica o comportamento como resultado da necessidade de alcançar um padrão de excelência determinado pelo indivíduo, normalmente comparado com o desempenho de outros.
2. Teoria da motivação através de reforços, a qual implica que todos os resultados de comportamento das contingências de reforços serão aplicados. O competidor realiza ações pelas recompensas fornecidas;
3. Teoria da motivação pelo incentivo, a qual descreve a ação como resultado de quatro efeitos que são: disponibilidade, expectativa de sucesso, incentivos ou valores aplicados pelo indivíduo na ação e motivos considerados como as necessidades mais generalizadas que atuam para modificar força dos incentivos.

2.3 Técnico, treinador e professor X motivação

Dentre as funções do técnico de acordo com Donizete (2001, p.48) encontramos a de preparar e dirigir os treinamentos técnicos e táticos; auxiliar o desenvolvimento da preparação física e psicológica; organizar os objetivos e metas a serem alcançados dentro da competição e do treinamento.

Portanto o técnico é o principal motivador da equipe, mas para isso ele deve conhecer todas as características individuais de seus atletas, de forma a utilizar diversas técnicas motivacionais até encontrar a uma que seja ideal para que consiga obter resultados positivos de determinado atleta. Segundo Feijó (2000) “As atitudes do treinador devem se ajustar a cada pessoa, pois os conceitos de incentivo e desempenho são subjetivos e particulares”.

Observa-se dentre as técnicas motivacionais que segundo Martens (1978), “o treinador pode motivar o esportista de forma direta ou indireta: a) a motivação direta se dará quando o treinador intervém diretamente sobre os esportistas para que cooperem e se esforcem para alcançar o objetivo estabelecido. b) a motivação indireta aparece, quando o treinador muda a situação e o contexto físico ou psíquico para aumentar a motivação dos atletas”. Scalon (2004, p.38 e 39) diz que “a conduta do treinador é dar apoio social, treinamento, instrução e feedback positivo”.

Não podemos esquecer que cada um de nós possui características únicas, desta forma uma tentativa de motivar um atleta pode não motivar o outro, ou pelo menos não motivá-lo na mesma intensidade, podendo inclusive ter um efeito contrário ao desejado, ou seja, ao invés de motivar, a tentativa poderá desmotivar o atleta, pois cada atleta reagirá diferentemente a determinados estímulos.

Segundo Donizete (2001, p.54) cada desporto indica uma quantidade maior ou menor de motivação, deve-se analisar com maior eficiência este mesmo posicionamento com relação aos diferentes tipos de personalidades, estados emocionais, sexo, idade, etc., além da motivação interna a qual levou o atleta à prática esportiva, antes de qualquer tentativa neste sentido.

A pessoa que será trabalhada por um técnico, treinador ou professor, procura se espelhar, tendo-o como modelo. Um exemplo claro desta situação é um aluno de Tae-kwon-Do que após atingir uma determinada graduação da sua modalidade e

tendo treinado sempre com o mesmo professor, ao passar a ministrar suas aulas ele estará naturalmente reproduzindo as aulas dadas por seu professor, especialmente as quais ele mais gostou, dificilmente ele irá realizar uma atividade a qual não tenha gostado. Weinberg e Gould⁸ (citado por SCALON 2004, p.33) afirmam que cada um de nós desenvolve uma perspectiva pessoal de como funciona a motivação, uma teoria sobre o que motiva as pessoas, portanto é provável que façamos isso partindo de uma aprendizagem do que motiva a nós mesmos e da observação do que motiva as outras pessoas.

Segundo Becker Jr. (1996) o autor menciona que a motivação é um elemento muito importante para que o atleta siga as orientações do treinador e pratique diariamente as sessões de treinamento. Donizete (2001, p.53) afirma que “a motivação é fundamental porque dentro do treinamento ou competição, o técnico tem a importante tarefa de manter seus atletas constantemente motivados, procurando desenvolver um estado psíquico elevado e satisfatório, que o auxiliará a executar uma boa performance dentro da competição e numa assimilação dos treinamentos”.

2.4 Gênero x sociedade

Sabemos que as mulheres são as maiores vítimas de preconceitos com relação ao futsal, para que se possa haver uma melhor compreensão mais adiante dos resultados, faz-se necessário a compreensão de 2 questões: Quais as implicações impostas pela sociedade com relação a prática do Futsal e ao gênero feminino? Será que estas implicações podem influenciar na motivação?

Historicamente tanto no futebol como no Futsal, ambas modalidades, sempre “apresentaram-se” como um interesse obrigatoriamente masculino, assim como trocar uma lâmpada, trocar um pneu de carro, fazer um furo em uma parede, são atividades intimamente ligadas aos “padrões” de masculinidade, caso isso não ocorra, as barreiras do preconceito são erguidas contra a quebra desses padrões estipulados pela sociedade, pela escola, pela família, etc., onde se ensina o que é ser homem ou mulher.

⁸ WEINBERG, R.S.; GOULD, D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Pode-se compreender que o gênero, é uma condição social imposto de certa forma pela sociedade no qual somos identificados como homem ou mulher e a sexualidade é a característica biológica a qual determina o ser “macho” ou “fêmea”. Goellner (2000, p.82) define as diferenças entre sexo e gênero da seguinte forma:

Diferenças de sexo são as diferenças biológicas que se apresentam desde o nascimento e que determinam “o ser macho ou o ser fêmea”: homens e mulheres apresentam características físicas diferentes, o seu corpo, seus órgãos e hormônios.

Diferenças de gênero são diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, na qual se indica papéis adequados para homens e para mulheres, delineando representações de masculinidade e feminilidade: a forma de se vestir, as atitudes esperadas e as profissões que são valorizadas para homens e para mulheres, entre outros.

Goellner (2000, p.83) enfatiza que em nossa sociedade as diferenças de gêneros são tidas como diferenças de sexo, na qual implica em querer afirmar que elas são tidas como naturais. Não é raro vermos expressões como: homens são corajosos e mulheres são frágeis; homem discute política e mulher gosta de fofocar, homem joga futebol e mulher gosta de dançar. E com isso surgem os questionamentos: essas diferenças já nascem prontas ou são construídas pela cultura, pelas nossas atitudes e pelos nossos valores?

Será que quando vestimos nossos bebês homens de azul, compramos uma bola e os incentivamos a jogar futebol, e que quando vestimos nossas meninas de rosinha e as colocamos para brincar de boneca, não estamos ajudando a construir essas formas de se comportar?

Quando falamos das diferenças de gênero, estamos falando das diferenças que a cada dia povoam as relações com as pessoas com as quais convivemos. Como as diferenças não nasceram prontas, temos que ter a consciência que é possível modificá-las, compreender que homens e mulheres não podem ser tratados como, um melhor que outro.

Ambos apresentam diferenças, mas nem o homem é melhor do que a mulher e nem a mulher é melhor do que o homem. Nós como seres humanos devemos aprender a respeitar as diferenças e nos tratarmos com dignidade sem humilhar ou subjugar ninguém, só porque é homem ou mulher.

Dornelles (2004, p.20) diz que:

O futebol está envolvido com questões de gênero e sexualidade, pois, primeiramente, o corpo feminino não é culturalmente construído como algo adequado à prática futebolística. Em contrapartida, as garotas que se aproximam desta prática, se distanciam do ideal de corpo feminino, sendo questionadas quanto a sua sexualidade. Este pensamento reducionista é comum nos ambientes de prática do futebol, o qual posiciona a heterossexualidade como algo natural, imutável e formatado desde o nascimento.

Temos um importante papel na sociedade, que é acabar com os “rótulos” que construímos a mesma.

Contudo Silva (2004, p.10) acredita que o preconceito vem do lar, pois quando o menino começa a caminhar o próprio pai já o ingressa em uma “escolinha”, quando é a menina, com raras exceções, ela mesma se ingressa em uma “escolinha”, mas agora já na adolescência.

Ballaryni⁹ (1940, p.36 citado por GOELLNER 2005, p.6) com relação aos direitos da mulher á prática esportiva, menciona que:

Não negamos a mulher os mesmos direitos concebidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete esta igualdade procurando imita-lo fisicamente, moral e intelectualmente, testemunhando desta maneira uma superioridade inexistente, sim porque só almejamos igualar o que no separa. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol pela sua natureza violenta, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade qualidades incompatíveis com o caráter feminino, quanto ao desenvolvimento intelectual facilmente concordaremos o futebol não é dos mais eficientes, portanto, não sendo aconselhados por motivos higiênicos, físicos e morais, mas será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas que envolve matéria de ordem técnica e a nossa opinião ser o futebol para a mulher anti-higiênico e contrário ao natural da inclinação da alma feminina.

Diante de afirmações como as mencionadas pela autora, não é de estranhar as razões pelas quais o futebol passou a ser visto como algo ainda tão prejudicial ao desenvolvimento do corpo e comportamento feminino. Para além dos imaginados danos físicos que este esporte “poderia” causar, o maior destes danos seria o receio que pudesse masculinizar as praticantes direcionam-se não apenas para as modificações do seu caráter, mas, sobretudo, para a sua aparência física, afinal,

⁹ GOELLNER, S. V. **Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física. Esp., São Paulo, v.19,n.2,p.143-151, abr./jun. 2005

julgava-se e ainda julga-se o quão feminino é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. Louro (1999, p.56) diz que:

Quando falamos em gênero estamos nos referindo a uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos, então é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade, construções estas que se fazem de acordo com diferentes modelos ideais, imagens que tem diferentes classes, raças, religiões.

De acordo com Goellner (2005, p.7), os corpos de determinadas atletas provocam desconfianças, em especial aqueles cujos comportamentos e aparências excedem algumas das fronteiras estipuladas como identificadoras da identidade de cada gênero.

Podemos compreender segundo Goellner (2000, p.88) que, comportamento sexual e forma de amar o outro ou a outra são opções pessoais de cada homem e de cada mulher, e isso nada interfere em sua prática esportiva.

A mesma autora ainda menciona que, a não ser que façamos um exercício de imaginação, e acreditemos que o fato de corrermos atrás de uma bola, atacando e defendendo, faça crescer no mais íntimo de uma mulher, o desejo mais íntimo de cada mulher, o desejo profundo de se tornar um homem cuja virilidade lhe é atribuída como a forte característica que a difere do que se convencionou chamar de “sexo frágil”.

Existe ainda outra questão importante a ser estudada com relação a formação da sexualidade de cada indivíduo a qual se questiona, será que não estamos produzindo conceitos errôneos desde a fase escolar? Goellner (2000, p.92) diz que é importante refletir sobre como a escola produz e reproduz as representações dominantes de feminilidade e de masculinidade.

Portanto, será que, como educadores e diversos professores e professoras de outras disciplinas, já não estamos mergulhados em preconceitos que, ao invés de questioná-los, colaboram para legitimar sua força?

Goellner (2000, p.92) levanta a seguinte questão com relação aos profissionais de Educação Física, “será que quando argumentam na separação de meninos e meninas nas aulas de educação física não estão consolidando

convenções dominantes? Ou quando silenciam não estão aceitando estas convenções?”.

Goellner (2000, p.92) argumenta que:

Quando falamos no futebol e afirmamos que meninos são mais rápidos, possuem mais habilidades, e que as meninas não sabem chutar, não tem força e que correm todas atrás da bola ao mesmo tempo. Evidentemente que isto não esta longe de acontecer. Afinal desde cedo, criamos nossos filhos com a bola no pé e nossas filhas com a boneca na mão, segregamos o mundo feminino do masculino, e a escola também quando reafirma, que o mundo do futebol é quase exclusividade do homem. Na qual nitidamente vemos em algumas aulas de educação física na escola, onde o professor entrega uma bola de futebol para os meninos e uma de vôlei para as meninas. Mas será que na escola não é possível reverter, ou simplesmente duvidar destas verdades? Mostrar aos alunos que o futebol e o acesso ao seu universo podem ser diferentes? Será que a escola não pode construir uma prática que favoreça a compreensão de que meninos e meninas jogando em conjunto, antes de ser um empecilho pode ser uma ato de ousadia, solidariedade, companheirismo e aprendizagem?

E porque as escolas não trabalham o futebol com as meninas, dentre as diversas práticas corporais tidas como conteúdo, tais como voleibol, handebol, dança e ginástica?

Enfim, que o futebol feminino também possa fazer parte do universo esportivo daquelas meninas e mulheres que quiserem dele participar, reduzindo desta forma os preconceitos da sociedade na qual vivemos.

2.5 Futsal, origem e evolução do Futsal

A origem do Futsal, levanta grande polêmica, o que pode-se afirmar sem dúvida quanto ao Futsal é que foi o Uruguai quem redigiu as primeiras regras, contudo, coube ao Brasil, segundo Voser (2002, p.41) a responsabilidade de seu crescimento e ordenação como modalidade esportiva.

Existem duas versões mais prováveis para a origem do Futsal, uma delas diz que o Futebol de Salão começou a ser praticado no Brasil em torno de 1940 por freqüentadores da ACM (Associação Cristã de Moços) em São Paulo, pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de Futebol livres para poderem jogar e então, começaram a jogar suas “peladas” nas quadras de Basquete e Hóquei. No inicio jogavam-se com cinco, seis ou sete jogadores em cada equipe mas logo definiram o número de cinco jogadores para cada equipe. As bolas usadas eram de

serragem, crina vegetal ou de cortiça granulada mas apresentavam o problema de saltarem muito e freqüentemente saíam da quadra de jogo. Então tiveram seu tamanho diminuído e seu peso aumentado. Por este fato o Futebol de Salão passou a ser chamado de "O Esporte da Bola Pesada".

Outra versão sugere, segundo Voser (2002, p.41):

O Futebol de Salão nasceu nos anos 30 e foi criado na Associação Cristã de Moços de Montevideú, Uruguai, pelo então diretor de seu departamento de menores, professor Juan Carlos Cerani. Em 1933 ele redigiu as primeiras regras fundamentadas no futebol, basquete, handebol e pólo aquático. No Brasil, em março de 1958, a então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) oficializou a prática do Futebol de Salão no país, fundando o Conselho Técnico de Futebol de Salão, tendo as federações estaduais como filiadas. Em 1969, foi fundada a Confederação Sul Americana, nesta época começaram a surgir os primeiros campeonatos sul – americanos de clubes e seleções nacionais.

Juan Carlos Cerani Chamou o Futebol de Salão de "Indoor-Foot-Ball". Este mesmo salonista fundou a 1ª Liga de Futebol de Salão, a Liga de Futebol de Salão da Associação Cristã de Moços e após foi o 1º presidente da Federação Paulista de Futebol de Salão. Foi colaborador de Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes para a elaboração do 1º Livro de Regras de Futebol de Salão editada no mundo, em 1956.

De acordo com Santana (2006, p.17) o reconhecimento mundial do Futebol de Salão acontece em 25/07/71, quando foi fundada a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), na cidade do Rio de Janeiro, tendo João Havelange como 1º presidente. E em seguida, no dia 15 de junho de 1979, na cidade do Rio de Janeiro, surgiu oficialmente a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS).

No decorrer da década de 90, ocorre a fusão do Futebol de Cinco (praticado pela FIFA) com o Futebol de Salão (praticado pela FIFUSA) o que ocasionou a grande mudança do Futebol de Salão, tornando-se então a modalidade conhecida atualmente como Futsal, com essa fusão, em 1989, foi extinta a FIFUSA, a FIFA homologou a supervisão do Futsal e a criação de sua comissão de Futsal.

A confirmação do Futsal nos Jogos Olímpicos, aprovado na categoria masculina também teve que passar pelo Futsal feminino, não só a nível Brasileiro, mas a nível mundial. A aprovação do Futsal nos Jogos Olímpicos, se da pela evolução do mesmo na categoria feminina.

Com respeito ao Futsal Feminino, no dia 8 de janeiro de 1983, o conselho Nacional de Desportos (CND), liberou a prática do Futsal para mulheres. A partir desta data os campeonatos começaram a surgir em vários estados, no entanto nenhum sendo oficial e reconhecido pela CBFS (Confederação Brasileira de Futsal) e por esta razão alguns estados já faziam seus campeonatos locais e metropolitanos.

Segundo a revista Futsal Brasil (2006), o primeiro campeonato oficializado pela CBF foi a I Taça Brasil de Clubes, realizada em janeiro de 1992, na cidade de Mairinque-SP, esta competição contou com a participação de 10 equipes indicadas por suas Federações, já que não havia campeonatos nacionais, a maioria das Federações não organizavam campeonatos estaduais. Com a criação desta primeira competição nacional, foram organizadas as competições estaduais e a equipe campeã de cada estado garantiria vaga para a Taça Brasil do ano seguinte.

Com o aumento das competições do Futsal feminino e seu reconhecimento em 2005, o jogo da final da Taça Brasil Principal, foi televisionado para o Brasil todo através da REDE TV, de acordo com Torres (2006, p.19) este destaque do Futsal feminino no Brasil e obrigou as equipes a montarem estruturas sólidas para que as suas equipes tivessem um suporte de trabalho sério e digno com as competições que iriam enfrentar.

Sanches e Borim (2005, p.33) dizem que a hegemonia do Futsal Feminino a partir de 1995 passou a ser de São Paulo com a equipe da Marvel de Santos e depois com a Associação Sabesp de São Paulo. Os outros estados cresciam, melhorando o nível tático de suas equipes. A partir de 2003 a hegemonia em nível nacional passou a ser do Rio Grande do Sul com a equipe do Chimarrão de Estância Velha. Em 2005 surgem boas equipes em Santa Catarina culminando com o título brasileiro do Kinderman de Caçador em 2005 e 2006.

O mesmo autor diz que com o intuito de inovar a CBFS criou o Departamento Feminino, dirigido por Inês dos Santos de São Paulo, de 2001 a 2004, e a partir de 2003 criou um quadro de arbitragem totalmente feminino que vem atuando nos campeonatos da categoria. Essas decisões foram importantes para o crescimento e ajudaram a impulsionar o Futsal feminino em todo Brasil. Em 2005 o departamento

feminino da CBFS passou a ser dirigido por Astrogildo Piedade do Pará, e outra grande conquista do Futsal feminino foi a criação da I Liga Feminina de Futsal, que teve a participação de 10 equipes divididas em 3 grupos.

Sanches e Borim (2005, p.) mencionam como outro passo importante para o Futsal feminino foi a convocação da 1º Seleção Brasileira de Futsal para o Desafio Internacional contra o Paraguai. A partir dessa 1º convocação, a Seleção Brasileira foi convocada novamente em 2005 para amistosos com a Espanha, considerada também como no masculino, uma das melhores seleções do mundo. Após os amistosos a Seleção Brasileira disputou o I Sul Americano em Barueri/SP, com participação do Paraguai, Uruguai, Argentina, Peru e Equador onde a seleção feminina do Brasil sagrou-se campeã da competição.

A respeito das competições locais, em nosso estado, Rio Grande do Sul, a Federação Gaúcha de Futebol de Salão começou com competições estaduais feminino de acordo com Teixeira Junior (2006, p.) na gestão do então presidente Léo Evandro Fraga, tendo na época 10 equipes, sendo a maior concentração de equipes nos anos de 98 e 99, quando 11 clubes participaram do certame. O primeiro campeonato gaúcho de Futsal feminino oficializado pela federação só aconteceu em 1995 sagrando-se campeã a equipe do Ítalo Serrano de Vacaria. Em 1996 foi a vez do Chimarrão de Estância Velha levantar a taça. O ano de 1997 foi vencido pelo Rio Branco/Sesi de Estrela e a partir de 1998 a hegemonia é total do Chimarrão de Estância Velha, a equipe é decacampeã gaúcha (96/98/99/2000/01/02/03/04/05/06).

A CBFS (2006), afirma que sem dúvida nenhuma o Chimarrão de Estância Velha é o grande pioneiro do Futsal feminino no estado além de obter também grandes conquistas a nível nacional, depois de obter dois vice-campeonatos em 2001 e 2002, a equipe gaúcha foi Bi-campeã da Taça Brasil de Clubes 2003 e 2004 e a maior conquista foi ser campeã da I Liga Feminina de Futsal 2005.

Como a idéia da modalidade tornar-se parte do programa olímpico, o fortalecimento da categoria é primordial e o investimento das Federações Internacionais torna-se uma tendência.

2.5 A popularidade do Futsal

Tenroller (2004, p.74) dizem que, o Brasil é considerado por muitos países como “o país do futebol”, esse reconhecimento acontece em função das conquistas obtidas, pelo significativo número de jogadores que se destacam no cenário internacional e, também, por ter sido o único país presente em todas as Copas.

Quanto ao Futsal, Tenroller (2004, p.76) diz que, o Futsal é considerado por muitas pessoas genuinamente brasileiro. Pois sua difusão se deu de forma muito rápida no Brasil principalmente pela ACM de São Paulo.

A mídia também tem grande colaboração para a criação de alguns conceitos, pois segundo a mídia, nosso país é identificado por ela como o país do Futebol, uma vez que o Futebol brasileiro agrega inúmeros títulos não apenas das seleções nacionais, mas também através dos clubes brasileiros que disputam competições internacionais, também tanto o Futebol quanto o Futsal, parece ser realmente o esporte mais praticado em qualquer canto do nosso país, se sairmos na rua, é comum vermos crianças jogando em praças, campinhos de areia, ou até no meio da rua no caso de comunidades menos favorecidas, ainda se formos até clubes e ginásios, veremos que a maior parte dos horários de quadra locados são para a prática de Futsal.

Segundo Freire (2003, p.1):

Brasileiros e futebol tem tido um casamento perfeito, somos como dizem os cronistas, “a pátria de chuteiras”. Somamos cinco títulos mundiais e um sem-números de outros títulos e vitória que nos colocaram no topo do mundo nessa arte de jogar com os pés. Muitos podem até pensar que inventamos o futebol, tamanha nossa intimidade com a bola. Num país com tantos insucessos sociais, os êxitos futebolísticos foram tão grandes que tornaram as tentativas de explicações inevitáveis. Pra alguns, somos vitoriosos porque Deus é Brasileiro, para outros, a explicação é genética.

Freire (2003, p.2) ainda questiona que, “devem ser poucos os brasileiros que um dia não sonharam em ser um jogador profissional”. Todo ano, surgem novos atletas se destacando diante das câmeras da televisão, o mesmo autor ainda comenta que “nosso país é tão grande, que ainda revela a cada ano, uma pilha de craques, geralmente para abastecer os mercados europeus”.

Atualmente podemos constatar o crescimento do Futsal, através de dados extraídos da entidade nacional dirigente do Futsal, a CBFS, a qual, conta com vinte e sete (27) Federações Estaduais filiadas, congrega cerca de 3.500 clubes e associações, o que perfaz um total de aproximadamente 289.000 atletas inscritos e registrados na CBFS até janeiro de 2005.

Outros dados que deverão, ano a ano, serem superados segundo Santana (2006, p.39) são: o Brasil possui 5000 equipes de Futsal, mais de 180 mil de atletas federados, 27 federações, 1672 clubes, mais de 350 atletas no exterior; no mundo, mais de 70 países praticam o Futsal; depois do Brasil, os países com maior número de participantes são: Espanha (1 milhão), República Checa (300 mil), Itália (210 mil) e Austrália (120 mil). O Futsal é o esporte com o maior número de praticantes no Brasil.

2.6 Futsal amador, o que o caracteriza segundo a legislação

Sabe-se que existem diversos patamares no desporto, a lei 9615/98, conhecida como a Lei Pelé, em seu Capítulo III, artigo 3º, define o desporto como sendo classificado em 3 tipos.

O primeiro refere-se ao desporto educacional, o qual é praticado nas escolas regulares, e nas escolinhas de iniciação esportiva, sem o intuito de formar atletas e sim de desenvolver a educação através do desporto, as valências, e trabalhar os fundamentos da modalidade.

A lei, também refere-se ao esporte participação, o mais comum de encontrarmos, é aquele praticado entre amigos, o qual se pode definir da seguinte maneira: “é aquela pelada de final de semana”.

Por fim, temos o esporte de rendimento, ou de alto nível, o qual, subdivide-se em profissional e não profissional. Sendo, o profissional, aquele ao qual já estamos habituados a acompanhar pela TV, é praticado por atletas remunerados, os quais dedicam-se exclusivamente ao esporte como trabalho, e por equipes patrocinadas. Já o não profissional, estende-se novamente formando dois subgrupos, o dos semi-profissionais e o dos amadores, o grupo dos semi-profissionais é o grupo onde os atletas competem, não recebem salários, mas recebem algum tipo de incentivo, já o grupo dos amadores, é composto por atletas que competem, não recebem salários e

nenhum tipo de incentivo, competem por prazer, mesmo tendo toda a cobrança e pressão das competições. É sobre este último grupo, o dos amadores, que nos referimos no decorrer desta pesquisa.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização do Estudo

O estudo trata-se de uma pesquisa descritiva. Visando analisar os aspectos, motivacionais que mantêm mulheres praticando Futsal amador competitivo na cidade de Porto Alegre, a fim de proporcionar a formação de uma opinião do assunto e de orientar futuros estudos.

3.2 População

Atletas de Futsal feminino, que estejam participando de competições na cidade de Porto Alegre no ano de 2008.

3.3 Amostra

Foram entrevistadas 80 atletas de Futsal amador, as atletas pertencem à 8 equipes femininas, os dados foram coletados do decorrer da fase de oitavas de final da “I Taça Encontro do Esporte de Futsal Feminino”, competição organizada Pela Associação dos Servidores em Telecomunicações e Tecnologia da Informação – ASTTI.

3.4 Instrumento de coleta de dados

Como instrumento de medida, foi utilizado para esta pesquisa o questionário dos fatores motivacionais criado por Gill (1983), devidamente validado, composto de 30 questões, as quais se dividem compondo 8 categorias: Status, Equipe, Forma Física, Energia Liberada, Outros/Situacionais, Habilidades, Amigos e Diversão (anexo 1).

Todos estes itens, são analisados em uma escala de 4 pontos, tipo Likert, na qual atribui-se: 04 pontos para extremamente importante; 03 pontos para bastante importante; 02 pontos para pouco importante e 01 pontos para nada importante.

3.5 Plano de Coleta de Dados

Primeiramente, como organizadora da competição, tivemos acesso irrestrito as equipes, o que facilitou nossa aproximação junto a elas, especialmente por conhecer muitas atletas. Posteriormente, realizamos uma conversa com o técnico e as atletas, a fim de obter a aprovação individual para poder aplicar o instrumento de pesquisa. A aplicação dos questionários aconteceu durante a realização dos jogos do evento.

3.6 Operacionalização das Variáveis

Segundo as categorias, cada questões do inventário de Gill (1993) correspondem à:

Categorias	Nº de questões	Nº das questões
Status	06	03,12,14,21,25 e 28
Equipe	03	08,18 e 22
Forma Física	03	06,15 e 24
Energia Liberada	05	04, 05, 13, 16 e 19
Outros/Situacionais	03	09, 27 e 30
Habilidades	03	01, 10 e 23
Amigos	04	02, 11, 20 e 26
Diversão	03	07, 17 e 19

Quadro 1: Categorias do inventário motivacional adaptado.

3.7 Tratamento Estatístico

Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS, mediante técnicas estatísticas descritiva, coeficiente de correlação de Pearson e Teste T de Student.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A motivação, segundo Scalon (2004, p.22), é um dos principais fatores que interferem no comportamento e nas atitudes das pessoas, facilitando o desempenho, a aprendizagem e a capacidade de concentração dos indivíduos ao envolverem-se em uma atividade. Na análise a seguir, buscou-se identificar estes fatores para cada gênero, após é realizado uma comparação entre as análises realizadas comparando os gêneros.

Afim, de analisar os dados coletados através do questionário de Gill (1983) foi utilizado a estatística descritiva de onde extraímos médias para as categorias as quais investigamos.

Os resultados atuais, foram comparados aos resultados obtidos na pesquisa realizada por Marta Rosolen (2005) durante os jogos universitários de Futsal Feminino da Copa Unisinos – São Leopoldo.

A pesquisadora utilizou o mesmo instrumento de coleta de dados, bem como tratamento estatístico, desta forma, nos proporcionou uma comparação entre ambas pesquisas. O quadro 4, nos descreve a especificidade de cada pesquisa realizada.

Pesquisadora	Ano da aplicação	Nº de amostras	Instrumento de coleta de dados	Momento da aplicação do instrumento	Tratamento estatístico
Marta Rosolen	2005	80	Inventário Motivacional de Gill (1983)	Durante o período de competição, no intervalo dos jogos	Programa estatístico SPSS, Coeficiente de correlação de Pearson e Teste T de Student
Lindsay Reis & Tereza Scotá	2008	80	Inventário Motivacional de Gill (1983)	Durante o período de competição, no intervalo dos jogos	Programa estatístico SPSS, Coeficiente de correlação de Pearson e Teste T de Student

Quadro 2: Comparação entre as pesquisas.

Dentre os resultados obtidos por Marta Rosolen, a pesquisadora encontrou como principal fator motivacional orientação de equipe, seguido por diversão, enquanto na pesquisa aplicada por nós obtivemos índices maiores inversos, em

nossos resultados encontramos como principal fator motivacional a diversão posteriormente orientação de equipe. Contudo, Maslow (1954, citado por SCALON 1998), comenta, que alguns atletas se espelham em outros, porque querem ser da equipe, querem pertencer a algum grupo que o aporte algo importante em sua vida. Se estiver motivado certamente irá aplicar-se mais e conseqüentemente será aceito pelos demais. O terceiro e quarto fator motivacional encontrados por Marta Rosolen, também apresentaram-se de forma inversa na pesquisa aplica por nós, tendo nesta sido encontrada como terceiro fator Fitness e o quarto Habilidades. Os demais fatores apresentam a mesma classificação em ambas pesquisas. Conforme pode-se observar no quadro 5.

Pesuisadora	Resultados (médias)
Marta Rosolen	Orientação equipe (1º - 3.5542) Diversão (2º - 3.5125) Habilidades (3º - 3.3750) Fitness (4º - 3.3292) Liberação de energia (5º - 3.1275) Status (6º - 2.7479) Outros situacionais (7º - 2.5417) Amigos (8º - 1.5156)
Lindsay Reis & Tereza Scotá	Diversão (1º - 2.8792) Orientação equipe (2º - 2.8583) Fitness (3º - 2.8292) Habilidades (4º - 2.7208) Liberação de energia (5º - 2.6850) Status (6º - 2.5396) Outros situacionais (7º - 2.3125) Amigos (8º - 2.0406)

Quadro 3: Comparação dos resultados das pesquisas.

Com relação as faixas etárias, a idade mínima encontrada por Rosolen foi 18 anos e por nós 12 anos, a idade máxima por Rosolen foi 29 anos e por nós 37 anos e as médias obtidas geraram em torno de 21,51 anos por Rosolen, com desvio de 2,381 em quanto nossa média foi de 22,19 anos com desvio de 4,576. Conforme podemos ver no quadro 6.

Idade	Mínima		Máxima		Média		Desvios	
	Rosolen	Reis & Scotá	Rosolen	Reis & Scotá	Rosolen	Reis & Scotá	Rosolen	Reis & Scotá
	18	12	29	37	21,51	22,19	2,381	4,576

Quadro 4: Estatística descritiva relacionada as idades.

Em uma análise comparativa aos resultados obtidos por Rosolen, constata-se através das médias que para as 80 atletas abordadas em nossa pesquisa não houve uma grande diferenciação entre os resultados de uma categoria para outra, estando estes com médias mínimas e máximas entre 1,95 e 2,96. Enquanto, uma há uma variação entre as categorias muito alta na pesquisa de Rosolen, sendo a mínima encontrada 1,00 e a máxima 4,00.

Maslow (1954, citado por SCALON 1998), afirma que, muitos atletas, não buscam alcançar fama ou reconhecimento, senão simplesmente satisfazer esta necessidade de ser membro de um grupo. Muitas vezes não lhes importa ficar no banco e jogar somente de vez em quando. O treinador pode satisfazer esta necessidade, motivando mediante um processo de identificação porque querem ser aceitos pelo treinador e pela equipe. As afirmações de Maslow, podem ser comprovadas através do quadro 7, no qual, constata-se uma média alta para a categoria Orientação de Equipe em ambas as pesquisas.

Categoria	Média mínima		Média máxima		Média total		Desvios	
	Rosolen	Reis & Scotá	Rosolen	Reis & Scotá	Rosolen	Reis & Scotá	Rosolen	Reis & Scotá
Status	1.50	2.28	3.83	2.80	2.7479	2.5396	0.50733	0.38906
OEquipe	2.33	2.73	4.00	2.96	3.5542	2.8583	0.45298	0.27952
Fitness	1.33	2.73	4.00	2.96	3.3292	2.8292	0.61508	0.30465
LEnergia	1.60	2.50	4.00	2.82	3.1275	2.6850	0.58439	0.31627
OSituacionais	1.00	2.00	4.00	2.53	2.5417	2.3125	0.78555	0.56465
Habilidade	1.67	2.43	4.00	2.93	3.3750	2.7208	0.61709	0.42245
Amigos	1.00	1.95	2.75	2.15	1.5156	2.0406	0.39846	0.21948
Diversão	2.00	2.73	4.00	2.96	3.5125	2.8792	0.48882	0.22024

Quadro 5: Estatística descritiva relacionada as categorias.

O gráfico 1, abaixo, demonstra as médias para as as atletas que colaboraram com nossa pesquisa, estes dados, apresentam que para estas atletas, diversão foi a tendência com índice mais elevado com 2.8792, seguida por Orientação de equipe, com 2.8583, na sequência fitness com 2.8292, Habilidades

com 2.7208, Liberação de energia com 2.6850, status com 2.5396, outros situacionais com 2.5125 e por fim, amigos com 2.0406.

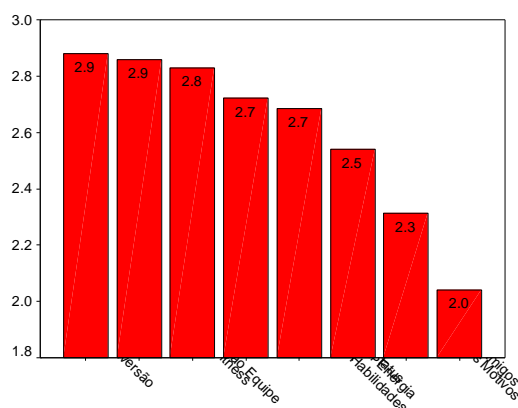


Gráfico 1: Média gerais das dimensões da motivação.

O Teste T Sudent, com relação a amostra apresentada em nossa pesquisa, não revelou diferenças estatísticas significativas entre os fatores motivacionais para o grupo de atletas examinado.

Na tabela 8, podemos averiguar que não há relação sgnificativa entre idade e motivação. Ou seja, independentemente da idade, a existência da motivação das atletas analisadas não se altera.

Idade	Pearson Correlation	1
	Sig. (2-Tailed)	
	N	80
Status	Pearson Correlation	-0.103
	Sig. (2-Tailed)	0.365
	N	80
OEquipe	Pearson Correlation	-0.058
	Sig.(2-Tailed)	0.608
	N	80
Fitness	Pearson Correlation	0.011
	Sig.(2-Tailed)	0.922
	N	80

LEnergia	Pearson Correlation	0.010
	Sig.(2-Tailed)	0.931
	N	80
OSituacionais	Pearson Correlation	-0.061
	Sig.(2-Tailed)	0.594
	N	80
Habilidades	Pearson Correlation	0.032
	Sig.(2-Tailed)	0.780
	N	80
Amigos	Pearson Correlation	-0.093
	Sig.(2-Tailed)	0.413
	N	80
Diversão	Pearson Correlation	-0.011
	Sig.(2-Tailed)	0.925
	N	80

Quadro 6: Correlação entre idade e motivação.

A competição onde foram obtidas as amostras, contou com a participação inicial de 12 equipes, contudo, a pesquisa foi aplicada somente na fase de quartas de final, tendo desta forma, a participação de apenas 8 equipes. Estas equipes, obtiveram a seguinte classificação.

Classificação	Equipe	Classificação	Equipe
1° lugar	ULBRA	5° lugar	L.T.C
2° lugar	UFRGS	6° lugar	Pumas
3° lugar	ASTTI	7° lugar	Benfica
4° lugar	Elite	8° lugar	Pacotão

Quadro 7: Classificação das equipes na competição.

Observou-se que a equipe campeã, foi a que apresentou um menor índice quanto as categorias relacionadas a competição do Futsal especificamente, a equipe, demonstrou não importar-se com fatores como amigos, status e liberação de energia, acreditamos que está falta de interesse possa estar relacionada aos

objetivos da equipe quanto a competição, por isso o índice maior estar concentrado em equipe e fitness.

No quadro abaixo, podemos observar o resultados das médias das demais equipes colaboradoras, com relação as categorias pesquisadas.

	Status	OEquipe	Fitness	LEnergia	OutrosS	Habilidades	Amigos	Diversão
ULBRA	2.28	2.83	2.80	2.50	2.0	2.66	2.02	2.73
	6°	1°	2°	5°	8°	4°	7°	3°
UFRGS	2.53	2.83	2.76	2.78	2.26	2.73	2.15	2.90
	6°	2°	4°	3°	7°	5°	8°	1°
ASTTI	2.43	2.90	2.73	2.62	2.30	2.70	2.10	2.83
	6°	1°	3/	5°	7°	4°	8°	2°
Elite	2.36	2.93	2.90	2.66	2.20	2.70	1.95	2.86
	6°	1°	2°	5°	7°	4°	8°	3°
L.T.C	2.65	2.96	2.96	2.82	2.50	2.93	2.02	2.96
	6°	1°	1°	5°	7°	4°	8°	1°
Pumas	2.66	2.86	2.90	2.74	2.46	2.90	2.00	2.90
	6°	4°	1°	5°	7°	1°	8°	1°
Benfica	2.80	2.80	2.76	2.82	2.53	2.70	1.95	2.93
	3°	3°	5°	2°	7°	6°	8°	1°
Pacotão	2.58	2.73	2.80	2.54	2.23	2.43	2.12	2.90
	4°	3°	2°	5°	7°	6°	8°	1°

Quadro 8: Médias individual das equipes quanto as categorias.

Segundo os resultados da pesquisa aplicada e da revisão bibliográfica, pode-se acordar com Martens (1987, citado por SCALON 2004, p.261) segundo suas teorias de que os motivos que levam as pessoas a cada vez mais procurarem locais para a prática de atividades físicas são os mais diversos, entre a diversidade de necessidades que os desportistas pretendem satisfazer em praticar um esporte se encontram:

Jogar por diversão, o que satisfaz a necessidade de estímulo e emoção;
(DIVERSÃO)

Jogar como forma de exercitar-se, o que satisfaz a necessidade do corpo.
(FITNESS)

Estar com outras pessoas, o que satisfaz a necessidade de afiliar-se a outras e de pertencer a um grupo;(EQUIPE)

Devemos salientar que independente da colocação que obteve cada categoria, não podemos esquecer que cada um de nós possui característica únicas, desta forma uma tentativa de motivar um atleta pode não motivar o outro, ou pelo menos não motivá-lo na mesma intensidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das 80 atletas entrevistadas, todas participavam ativamente da I Taça Encontro do Esporte de Futsal Feminino de Porto Alegre de 2008. as idades variavam de 12 a 37 anos.

Entre a comparação realizada com a pesquisa de Marta Rosolen (2005) podemos averiguar que não há diferenças significativas, contudo, houve uma inversão entre a classificação das 4 categorias mais pontuadas, tendo sido na pesquisa de Marta Rosolen a seguinte sequência: Orientação de equipe; Diversão; Habilidades e forma física. Enquanto em nossa pesquisa a sequência é: Diversão; Orientação de equipe; Forma física e Habilidades.

Dentre as categorias analisadas, neste estudo, a que mais pontuou foi a diversão com atingindo média total de 2.87 pontos, posteriormente orientação de equipe com média de 2.85 pontos, estas categorias demonstraram serem os fatores com maior incidência na motivação das atletas.

Entretanto, não podemos esquecer que cada um de nós possui característica únicas, desta forma uma tentativa de motivar um atleta pode não motivar o outro, ou o que segundo a análise foi tido como menor agente motivador para uma maioria, pode ser o maior motivador para um individuo, pelo menos não motivá-lo na mesma intensidade, podendo inclusive ter um efeito contrário ao desejado, pois cada atleta reagirá diferentemente a determinados estímulos.

REFERÊNCIAS

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BECKER JR, B.; SAMUSKI, D. **Manual de Treinamento Psicológico para o Esporte**. Novo Hamburgo: Feevale, 1998.

- CRATTY, B. J. **Psicologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Prentice – Hall, 1983.
- DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Unijui, 2005.
- DONIZETE, A. C. **Voleibol: Fundamentos e Aprimoramento Técnico**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- DORNELLES, P. G. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural**. Porto Alegre, UFRGS, 2004.
- FEIJÓ, O. G. **Corpo e Movimento: Uma Psicologia Para o Esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 1992.
- GOELLNER, S. V. **Pode a mulher praticar futebol?**. In: CARRANO, P. C. R. (org) **Futebol e política**. Rio de Janeiro: D&P, A, 2000.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GUIMARÃES, F. **A mulher no futebol: Conquistas e dificuldades**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- LOPES, M. J. M.; STREY, M.N. (Org.). **Mulher estudo de gênero**. São Leopoldo: Unisinos, 1997.
- LOURO, G. L.; Louro, G. (org). **O corpo educado: pedagogias do corpo e da sexualidade**. Belo horizonte. Autentica, 1999.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes**. Jundiaí: Ápice, 1997.
- MASLOW, A. M. **Motivation and Personality**. New York: Harper e Row, 1987.
- MEYER, D. E. e SOARES R. F. R. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MOREL, M.; SALLES, J. G. C. **Futebol feminino**. In: DA COSTA, I. P (ed). **Atlas do esporte do Brasil: Atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer do Brasil**. Rio de Janeiro: SHAPE, 2005.
- MOSQUEIRA, J. J.; STOBAUS, C. **Psicologia do Desporto**. Porto Alegre: UFRGS, 1984.
- MUTTI, D. **Da Iniciação ao Alto Nível**. São Paulo: Editora Phorte, 2003.
- NETO, V. M.; TRIVINOS, A. N.S. **A Pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ufrgs/Sulina, 2004.
- PAIM, M. C. C. **Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol**. Revista Digital, Buenos Aires, año 7, n.43, Dic. 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 12 maio 2006.
- PONTICELLI, C. O. **Aspectos motivacionais que levam as meninas a praticarem futsal**. Porto Alegre. PUCRGS: 2007.

ROMERO, E. **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papyrus, 1995.

ROUGHGARDEN, J. **Evolução do gênero e da sexualidade**. Londrina: Planta, 2004.

SALLES, J. G. C.; SILVA, M. C. P.; COSTA, M.; M. VOTRE, S. (org). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central Universidade Gama Filho, 1996.

SAMULSKY, D. **Psicologia do Esporte: Comparação do Esportista e Não Esportista**. Belo Horizonte: _____, 1990.

Scalon, R. M. (Org.) **Psicologia do Esporte e a Criança**. Porto Alegre: Edipucrs. 2004.

SILVA, S. S. **Aspectos motivacionais para atletas de futsal universitário na categoria feminina**. Porto Alegre. PUCRS: 2004.

SOUTO, D. **Futsal feminino**. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php>. Acesso em: 15 jul. 2006.

TEIXEIRA, H. V. **Educação Física e Desporto**. São Paulo: Saraiva, 1997.

TEIXEIRA, J. J. **Mulheres no futebol, a inclusão do charme**. Porto Alegre: Brasul, 2006.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões Sociais do Esporte**. São Paulo: Cortez, 2002.

VASCONCELOS, E. G.; SIMÕES, A. C. (org). **Mulher e Esporte: Mitos e Verdades**. Barueri: Manole, 2002.

Yوبا, C. P. C. **Homossexualismo. Implicações Psico-Sociais**. Cuba: _____, 1998.

_____. **Manual de Psicologia Esportiva**. Porto Alegre: Nova Prova, 2000.